

---

# O AÇAÍ COMO REFERÊNCIA SOCIOCULTURAL PARA PENSAR, REFLETIR E CONSTRUIR CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS NAS ESCOLAS RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

## AÇAÍ AS A SOCIOCULTURAL REFERENCE TO THINK, REFLECT AND BUILD GEOGRAPHIC KNOWLEDGE IN RIBERINE SCHOOLS OF THE BRAZILIAN AMAZON

Rosana Torrinha Silva de Farias<sup>1</sup>  
Daguinete Maria Chaves Brito<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Nas comunidades ribeirinhas da Amazônia brasileira o açaí faz parte da dinâmica sociocultural e econômica destas populações. A partir de um estudo de caso na Escola Alexandre Ferreira da Silva, localizada na Ilha de Ipanema, município de Afuá/Pará, focado na importância do açaí como referência da cultura, buscou-se compreender de que forma este elemento poderia contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos assuntos geográficos escolares. Utilizaram-se como fundamentos teórico-metodológicos, os postulados de autores importantes no cenário nacional. Por meio de trabalho de campo, aplicação de pesquisa colaborativa, foi possível constatar que o elemento de sociabilidade (açaí), constitui uma relevante ferramenta na construção dos conhecimentos geográficos, agregando ao ensino-aprendizagem significados e potencializando os conhecimentos.

**Palavras-chave:** Açaí. Dinâmica sociocultural. Ribeirinhos da Amazônia. Ensino. Geografia.

**ABSTRACT:** In the riverside communities of the Brazilian Amazon, açaí is part of the socio-cultural and economic dynamics of these populations. Based on a case study at the Alexandre Ferreira da Silva School, located on the Island of Ipanema, in the municipality of Afuá/Pará, focused on the importance of açaí as a cultural reference, we sought to understand how this element could contribute to the process of teaching learning of school geographic subjects. The postulates of important authors on the national scene were used as theoretical-methodological foundations. Through fieldwork, application of collaborative research, it was possible to verify that the element of sociability (açaí), constitutes a relevant tool in the construction of geographic knowledge, adding meanings to teaching learning and enhancing knowledge.

**Keywords:** Açaí. Sociocultural dynamics. Riverside of the Amazon. Teaching. Geography.

---

1 Geógrafa, Mestre em Desenvolvimento Regional (UNIFAP) e Doutora em Geografia (UFG). Professora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atua no curso de Graduação em Geografia (Licenciatura). E-mail: rtorrinha@unifap.com.

2 Geógrafa, Mestre em Desenvolvimento Sustentável (CDS/UnB) e Doutora em Ciências Sociais (UFPA). Professora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atua nos cursos de Graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) e Programas de Pós Graduação em Geografia e Ciências Ambientais (UNIFAP). E-mail: dagnete@uol.com.br.

## INTRODUÇÃO

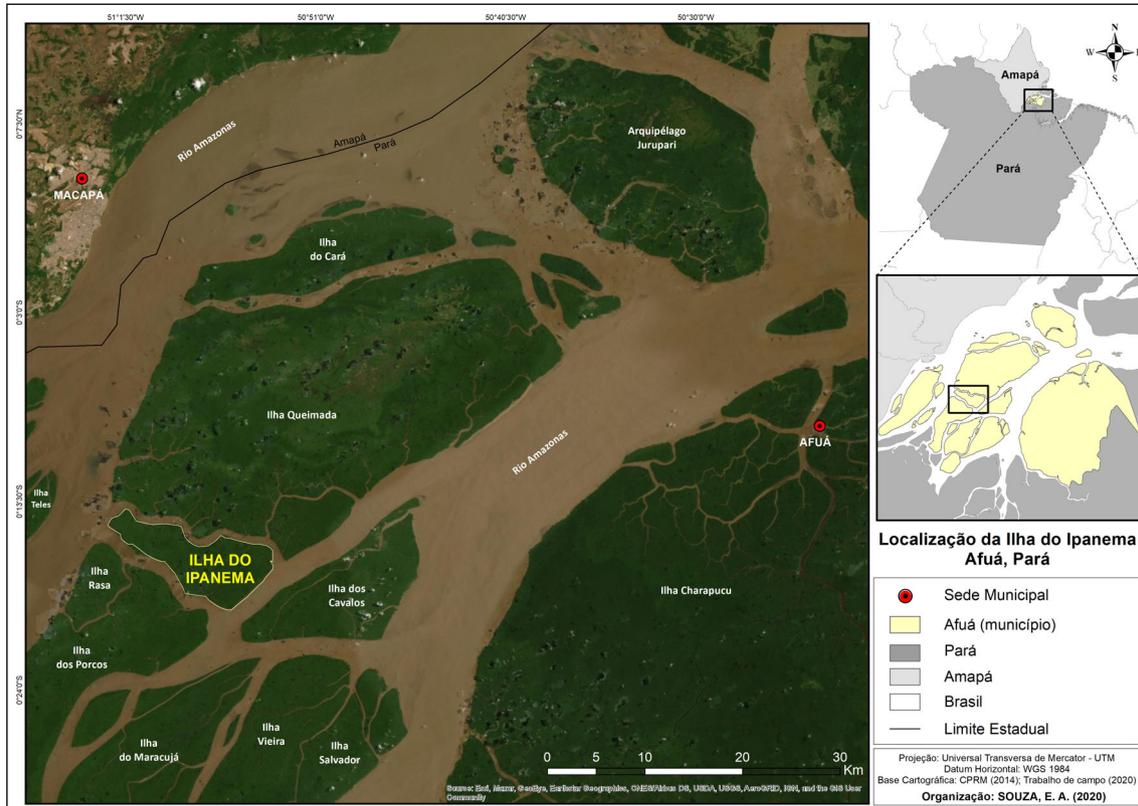
Um dos maiores desafios dos professores da disciplina Geografia, que atuam nas escolas ribeirinhas da Amazônia brasileira, é o de trabalhar temáticas que se distanciam da realidade sociocultural e espacial destas comunidades, pois se trata de grupos sociais que apresentam práticas cotidianas criadas e recriadas sócio-historicamente, mantendo suas peculiaridades e particularidades espaciais. A grande maioria das escolas das ribeiras amazônicas apresentam carência em relação à disponibilidade de material didático-pedagógico para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, tanto em relação as ferramentas midiáticas, tais como: projetores de *slides*, vídeos e televisores, quanto aos materiais de apoio como mapas e impressos de modo geral, em muitos casos pela indisponibilidade de energia para o uso de instrumentos que necessitam desta fonte ou por falta de recursos financeiros.

Diante do exposto, encontrar ferramentas e elementos didático-pedagógicos capazes de fortalecer e dar maior significado ao ensino e aprendizagem se torna um dos maiores desafios dos professores de Geografia que atuam nas escolas ribeirinhas da Amazônia brasileira. Trabalhar as abordagens sobre as relações sociais, econômicas e culturais articulando o lugar ribeirinho à região Amazônica e ao mundo, visando potencializar o processo de ensino e aprendizagem na construção dos conhecimentos geográficos instigou a pesquisa apresentada neste artigo. Estudos já realizados apontaram que elementos da referência cotidiana, relacionados aos aspectos da formação sociocultural e econômica das populações ribeirinhas, a realidade vivida e conhecida pelos alunos amazônicos, fomenta e enriquece o ensino e a aprendizagem.

Assim, vislumbrou-se o açaí, fruto do açaizeiro *Euterpe oleracea Mart.*, como importante viés na construção do conhecimento geográfico, pelo fato de se constituir como um dos elementos sociocultural e econômico na dinâmica cotidiana das comunidades ribeirinhas, ainda, representará mais um caminho didático-pedagógico como auxílio nas abordagens dos temas curriculares. O açaí agrega valores na cultura e economia dos grupos sociais que habitam nas margens dos rios e igarapés<sup>3</sup> da Amazônia Brasileira. Este fruto permeia na construção de redes de sociabilidade e de identidades, faz parte do hábito alimentar das populações ribeirinhas, muito apreciada como uma bebida misturada à farinha d'água e acompanhada com carnes, geralmente, de peixe e camarão.

A dinâmica sociocultural do açaí compõe parte do patrimônio tangível e intangível dos grupos amazônicos, pois, os derivados da palmeira do açaizeiro se fazem presentes nas brincadeiras e atividades domésticas dos ribeirinhos. Diante da importância do açaí no cotidiano dos grupos que residem nas ribeiras amazônicas, utilizou-se este elemento sociocultural e econômico como mais um componente a ser inserido no processo pedagógico para melhor auxiliar o professor no ensino de Geografia, este entendimento está em conformidade com o pensamento de vários autores que trabalham com esta temática.

A pesquisa ocorreu na Escola Municipal Alexandre Ferreira da Silva, localizada na comunidade do Ipanema, nas Ilhas Queimadas, situada no município de Afuá, estado do Pará, conforme demonstrado na Figura 1. O acesso as Ilhas é somente por via aquática, está a aproximadamente 15 km de distância da cidade de Macapá/AP e 135 km da cidade de Belém/PA, por este fato as relações sociais e comerciais ocorrem diretamente com a cidade de Macapá ou com os compradores ambulantes que vão de porto em porto.



Fonte: Adaptado de <http://conhecendobrasil.com.br>

Figura 1. Localização da Área de Estudo.

A investigação está atrelada ao grupo de pesquisa Dinâmicas Territoriais da Amazônia Brasileira, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), aconteceu durante o período de agosto a setembro de 2019, referente ao terceiro módulo da escola. O aparato metodológico compreendeu o trabalho de campo associado à pesquisa colaborativa, o qual possibilitou planejar e aplicar, juntos com os professores ribeirinhos, atividades didático-pedagógicas utilizando o açaí como um caminho para a compreensão de assuntos geográficos, para tanto, foram utilizados os livros didáticos, as técnicas dos mapas mentais e da tempestade de ideia.

A compreensão sobre a pesquisa colaborativa apoiou-se na visão de Pimenta (2005), o qual defende que a base desta tipologia de investigação está na participação do pesquisador e do professor em todo o processo da pesquisa, neste caso as proponentes da investigação e o professor construíram juntos as atividades teórico-metodológicas aplicadas à prática pedagógica na escola Alexandre Ferreira da Silva. Na referida pesquisa participaram as duas proponentes da investigação, um professor da disciplina Geografia da escola *locus* e os dez alunos das turmas do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental.

## A ESCOLA ALEXANDRE FERREIRA DA SILVA NO CONTEXTO AMAZÔNICO

A escola Alexandre Ferreira da Silva (Figura 2) está situada na vila da comunidade de Ipanema, às margens do rio de mesma denominação. Contém duas salas de aula que comportam os alunos da alfabetização ao 5º ano, formando duas classes multisseriadas<sup>4</sup>

na modalidade de ensino regular, trabalhadas por dois professores. Os alunos do 6º ao 9º ano formam duas turmas no ensino modular assistidos por dois professores, por falta de espaço físico na escola, as aulas ocorrem em uma casa ao lado da escola. A escola apresenta uma pequena cozinha para atender a demanda de merenda escolar e uma diminuta sala para guardar os materiais didáticos fornecidos pela Secretaria de Educação do Município de Afuá.



Fonte: Farias (2018).

**Figura 2.** Escola Alexandre Ferreira da Silva.

Conforme se observa na Figura 2, a arquitetura da escola obedece aos aspectos naturais da região, que por serem áreas de várzeas flúvio-marinhas<sup>5</sup> inundam periodicamente, por isso, as construções são em forma de palafitas, o deslocamento em terra é por cima de pontes de madeiras que interligam os lugares. A referida escola atende várias comunidades das Ilhas Queimadas espalhadas pelos rios e igarapés da região, algumas estão há aproximadamente quatro horas de distância da escola, os catraieiros<sup>6</sup> são responsáveis em transportar os alunos de barco, denominados de catraios<sup>7</sup>. A respeito do deslocamento nas Ilhas Queimadas, Farias (2018) discorre que

A lógica da mobilidade se estabelece pelas rotas/percursos nas emaranhadas estradas fluviais que convergem para o grande rio Amazonas, comandante da maior Bacia Hidrográfica do mundo. Os cursos d'água são as feições nominadas que referenciam lugares, servem de limites territoriais e pontos de localização, enfim, em termos comparativos são tão importantes quanto as ruas, avenidas e estradas nas áreas urbanas (FARIAS, 2018, p. 14).

Quanto ao compêndio didático-pedagógico, o mesmo é disponibilizado pela Secretaria de Educação do município de Afuá/PA e não atende as reais necessidades dos professores, o processo de ensino, basicamente, desenvolve-se com a utilização dos livros didáticos fornecidos pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Foi dentro deste âmbito escolar que a pesquisa foi desenvolvida, considerando-se não apenas o aspecto educacional, mas estendendo-se para o contexto amazônico local. Trazer para dentro da escola a forma de como a geografia na ribeira é construída e valorizar suas referências de vida e experiências foi a base deste trabalho.

## **O AÇAÍ NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DAS ILHAS QUEIMADAS**

As comunidades ribeirinhas das Ilhas Queimadas constroem seus territórios às margens dos rios e igarapés que fazem parte a bacia hidrográfica do Rio Amazonas. As densas matas e os cursos d'água determinam as fronteiras naturais na divisão das terras. Trata-se de áreas de várzeas, portanto, alagadas periodicamente, com predominância de clima quente e úmido (SIOLI, 1985), ambiente natural que propiciou o desenvolvimento dos açazeiros que formam as áreas chamadas pelos moradores de açazeais. O extrativismo e o comércio do açaí são predominantes como atividade econômica por garantir grande parte da sobrevivência das famílias, sendo somada à caça, pesca e aos recursos financeiros sociais governamentais (bolsas e seguro defeso) garantem a vida na ribeira.

A economia das Ilhas Queimadas gira em torno do comércio do açaí, pelo fato de sua polpa ou suco apresentar grande valor comercial e nutricional, tanto em nível local, quanto nacional e internacional, no caso das Ilhas Queimadas a produção está voltada para atender, sobretudo, o mercado regional, mais precisamente, para a cidade de Macapá e parte do produto é destinado para exportação. O açaí é o fruto do açazeiro, árvore nativa da Amazônia, o pequeno tronco, ainda em estágio de crescimento fornece o palmito, ambos são destinados à comercialização. A safra do açaí nas Ilhas Queimadas ocorre em dois períodos distintos, nos meses de fevereiro até maio e de agosto até novembro.

Além de fornecer o fruto e o palmito, também gera outros derivados que são aproveitados pelos ribeirinhos na culinária doméstica, como por exemplo: o tronco do açazeiro é usado como ponte; o cacho, depois de retirados os frutos, viram vassouras; aproveitam-se as folhas para confeccionar a pecônia<sup>8</sup>, uma espécie de artefato que ajuda na escalada do açazeiro; os caroços, após retirados a poupa ou suco, são usados como adubos ou para aterramento de pequenas áreas ao redor das residências e os galhos e o cacho vazios são usados nas brincadeiras das crianças.

A atividade está diretamente relacionada aos mandos e desmandos da natureza, ou seja, alagamentos sazonais, estiagem de chuvas, período chuvoso e o fluxo e refluxo das marés. As chuvas intensas e as enchentes dificultam a extração, enquanto o fluxo das marés facilita a penetração das canoas em pequenos igarapés para o transporte do açaí. O extrativismo do açaí é uma atividade sociocultural familiar que envolvem pais, filhos e parentes. A técnica de extração não é uma logística fácil, nas Ilhas Queimadas ainda é feita de forma tradicional e manual, as famílias adentram na floresta densa de várzea, escalam os açazeiros em busca dos cachos de frutos, debulham (retiradas dos frutos do cacho) e acondicionam nos paneiros<sup>9</sup> que são carregados até uma pequena canoa para serem transportados até suas casas. A tradição de extração, comercialização e consumo do açaí é passada de pai para filho, assim, reproduz-se culturalmente.

Por se tratar de um produto perecível, geralmente é transportado para a comercialização no mesmo dia de sua extração. Parte do produto atende o consumo da família e o excedente é comercializado. O açaí não é apenas referência econômica, mas também, de tradição e territorialidade, as famílias agregam valores socioculturais. Os alunos da escola *lócus* da pesquisa participam ativamente da cadeia produtiva do açaí, a qual se criam redes de sociabilidade, portanto, detém conhecimentos empíricos diversos gerados pelo circuito do açaí. Assim, acredita-se que o uso do açaí como referência na construção do conhecimento geográfico escolar, agrega experiência da vida cotidiana dos sujeitos escolares na interpretação e análise de seu espaço geográfico, o que dá significado aos temas abordados e, por conseguinte, fortalece o processo de ensino e aprendizagem.

## **O AÇAÍ COMO REFERÊNCIA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ALEXANDRE FERREIRA DA SILVA**

No tocante a dinâmica da cadeia produtiva e de sociabilidade do açaí, é importante revelar que extrapola as fronteiras local e nacional, sendo o produto exportado para outros países, aumentando assim a rede sócio-cultural-econômica desse produto, fato que torna ainda mais viável sua utilização como referência no processo de ensino e aprendizagem da disciplina Geografia, tendo em vista que aumenta a rede de relações e inter-relações espaciais. Para esta pesquisa foram utilizados como fundamentos teórico-metodológicos, os postulados de Santos (2005), Cavalcanti (2012) e Chaves, Cardoso e Rente Neto (2011).

Santos (2005), por exemplo, defende o lugar e a região como espaços que se produzem na dialética das vivências internas com a dinâmica global. Já Cavalcanti (2012), advoga no sentido de defender a importância de valorizar a realidade e as experiências cotidianas do aluno no processo pedagógico para potencializar a aprendizagem. Chaves, Cardoso e Rente Neto (2011) demonstram que o açaí permeia a construção de redes de sociabilidade e de identidades e é um hábito alimentar dos ribeirinhos. Estes autores expõem que a dinâmica sociocultural do açaí é parte integrante do patrimônio tangível e intangível dos grupos sociais amazônicos.

Foi dentro desta compreensão e assumindo uma postura crítica e dialética que o trabalho de campo, por meio da pesquisa colaborativa, foi desenvolvida na escola campo, ou seja, esse pensamento contribuiu para a formação da base teórica e metodológica das dinâmicas pedagógicas aplicadas em sala de aula, utilizando-se da cadeia de sociabilidade do açaí como referência para a construção do conhecimento geográfico. O fluxo do açaí desenha uma grande rede social-econômica-cultural que se interligam e se articulam agregando elementos das mais diversas escalas: local, nacional e mundial, assim, a rede formada pela circulação do açaí se constituiu como um eixo de articulação entre o local e o mundial.

Dentro dessa rede de sociabilidade e econômica do açaí, procurou-se abordar os assuntos geográficos, porém, não de forma linear, mas de forma multilateral, considerando as relações sociais, econômicas e culturais que permeiam no circuito comercial do açaí. A lógica do pensamento geográfico interpretou e analisou as relações espaciais a partir do processo global, demonstrar que as relações internas que ocorrem nas Ilhas Queimadas estão atreladas a dinâmica da globalização. Dentro desse direcionamento, as pesquisadoras e o professor passaram a materializar a referida ideia nas aulas de Geografia para se fazer leituras espaciais, os conteúdos curriculares trabalhados foram os referentes ao 7º e 8º ano, os principais instrumentos utilizados foram o livro didático e o mapa mental, foram desenvolvidas em quatro práticas de ensino, como descritas nos próximos subitens.

## **Aula Expositiva Dialogada**

O tema selecionado pelas pesquisadoras e o professor da turma para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, tendo como referência o açaí, obedeceu ao currículo em andamento da escola, “O trabalho e a transformação do espaço geográfico”. Em um primeiro momento optou-se pelo método de ensino da aula expositiva dialogada com a participação ativa do aluno na construção do conhecimento. O objetivo deste trabalho estava em abordar o conceito de espaço geográfico, pois, esse entendimento era fundamental no desenvolvimento das discussões.

A exploração do entendimento do aluno sobre a construção de seu próprio espaço por meio das relações de trabalho foi a centralidade da discussão, a problemática gerada foi em torno do espaço geográfico que se constitui nas Ilhas Queimadas a partir da dinâmica sociocultural e econômica do açaí. A técnica da tempestade de ideias<sup>10</sup> foi utilizada para dar voz ao aluno e ao professor, para que pudessem expor a vida cotidiana e suas percepções em relação a construção do espaço geográfico das Ilhas Queimadas. Esta estratégia de ensino instigou-os a falarem de aspectos sociais, culturais e econômicos relevantes na construção espacial. A seguir está o demonstrativo da sistematização das falas de acordo com os temas abordados:

- Lazer: o banho coletivo no rio, futebol e brincadeiras com objetos da floresta (caroço do açaí e vassoura do açaizeiro, palhas e troncos de árvores).
- Trabalho: Caça e pesca coletiva, atividades geralmente realizadas por membros da família (homens, mulheres e jovens) e por membros da comunidade, neste último caso, os produtos adquiridos são rateados entre os caçadores e pescadores. A caça é destinada somente para o consumo das famílias, o pescado (peixe e camarão) é para atender a demanda local, o excedente é comercializado na cidade de Macapá.
- Extrativismo do açaí: é realizado pelas famílias e segue um ritual quase que diário durante a safra do fruto. A coleta é feita na mata e nas margens dos rios e igarapés, há uma divisão de tarefas, os homens adultos e jovens sobem no açaizeiro para apanhar os cachos, as mulheres e as crianças retiram os grãos dos cachos e acondicionam nos paneiros. Os homens (adultos e jovens) carregam os paneiros até as pequenas embarcações.
- Comércio: o açaí é transportado em embarcações pelos ribeirinhos, na maioria dos casos, o meio de transporte são os chamados catraios, o açaí é comercializado nas áreas portuárias da cidade de Macapá.
- Divisão de tarefas: Homens, mulheres e jovens caçam e pescam, além destes membros familiares, o extrativismo do açaí inclui as crianças acima de sete anos; as mulheres são responsáveis pelos afazeres domésticos, ou seja, higiene da casa, cuidados com os filhos e alimentação.
- Agricultura: desenvolvem apenas a agricultura de subsistência, as chamadas roças do milho, da mandioca e o pomar no quintal com as frutas típicas da Amazônia: cupuaçu, goiaba, manga, banana e melancia, principalmente.
- Relações comerciais: a produção do açaí e do excedente de peixe e camarão e das frutas regionais são comercializados diretamente nos pequenos portos na cidade de Macapá. Produtos industrializados em geral são comprados pelos ribeirinhos no comércio de Macapá ou dos marreteiros que passam de portos em portos oferecendo mercadorias diversas.
- Relações sociais e culturais: ocorrem por meio de reuniões religiosas (Igrejas católicas e evangélicas), festas comemorativas na escola (dia dos pais, das mães e das crianças) e reuniões comunitárias. As relações de vizinhanças são bastante fortes, mesmo mantendo um certo distanciamento entre as moradias e as pequenas vilas familiares, é comum as visitas

entre eles para contar as histórias lendárias e também ofertarem seus frutos, caças e pescados.

- Traços socioculturais: casas em forma de palafitas, construídas de madeira, ligadas ao rio e a outras casas próximas por pontes também de madeiras; o principal alimento que não pode faltar na mesa é o açaí com a farinha d'água acompanhado de carnes salgadas, representa a base alimentar; os contos, as lendas e as histórias, principalmente relacionadas a aparições de visagens, a lenda do boto e de animais gigantes que engolem pessoas estão sempre nas rodadas de conversas; a moda, os usos e utensílios é o reflexo do fluxo de mercadorias e tecnologias globalizados, a exemplo do uso de produtos industrializados como: fogão à gás, antena parabólica, televisores, aparelhos de som, energia solar, roupas e objetos de uso pessoal, máquina de bater o açaí para retirar a polpa, dentre outros.

As diversas abordagens estavam relacionadas ao modo de vida, ao cotidiano e a tudo que representa referência e experiência de vida para as populações residentes. Destaque para a cultura do açaí, a qual agrega valor social, cultural, ambiental e econômico. Como resultados das abordagens sobre a construção do espaço ribeirinho, o professor e as pesquisadoras organizaram um texto denominado 'A construção do espaço geográfico das Ilhas Queimadas', o texto foi amplamente debatido com o objetivo de compreender conceitos importantes, tais como: espaço geográfico, rede de sociabilidade, também discutir como as diversas sociedades constroem seus espaços. Todos os debates foram referenciados pela realidade espacial dos alunos - a Amazônia.

Com as aulas expositivas foi possível construir conhecimentos sobre a geografia do lugar, também de possibilitar aos alunos a interpretação e a análise do contexto econômico, social e cultural amazônico em que vivem, para além disso, terem consciência de que são produtores desse espaço, também compreender que não estão isolados, mas sim, em conexão com outras realidades espaciais formando uma rede de sociabilidade, durante as discussões o açaí foi utilizado como um exemplo prático da criação dessa rede.

### **O mapa mental do açaí como escala geográfica entre o lugar ribeirinho-região-mundo**

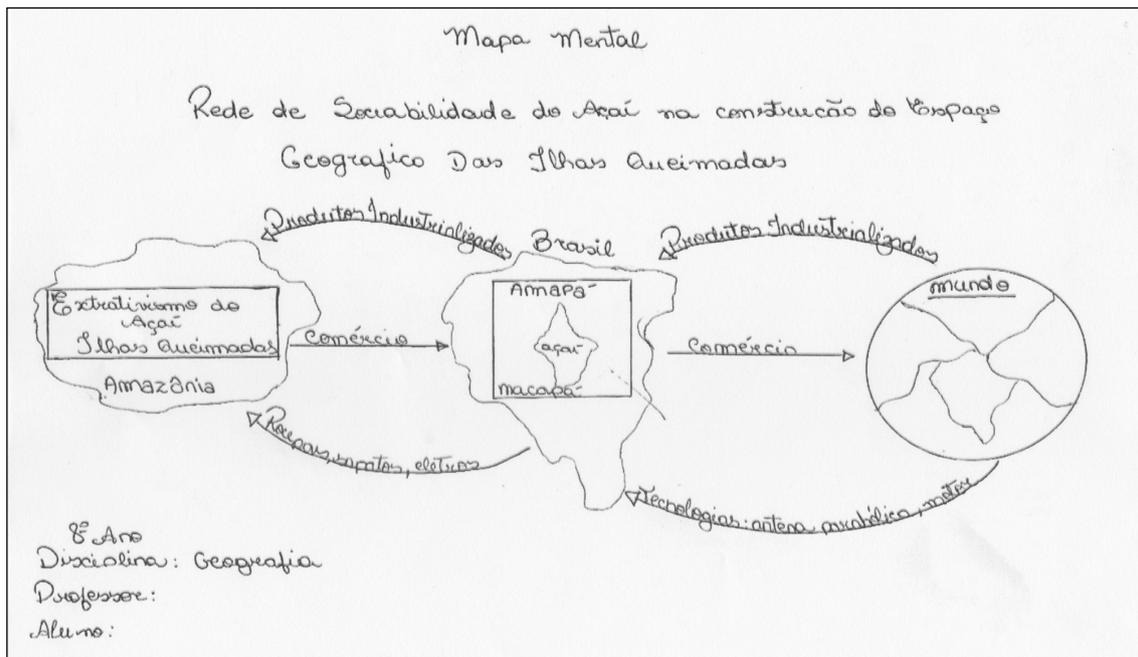
Após a construção do conhecimento sobre o espaço geográfico ribeirinho das Ilhas Queimadas por meio da aplicação da ferramenta tempestade de ideias, utilizou-se a técnica do mapa mental como uma prática pedagógica capaz de relacionar as escalas lugar-região-mundo, tendo como eixo articulador a rede de sociabilidade do açaí. O entendimento sobre o mapa mental como estratégia de ensino e seus objetivos embasou-se nas considerações de Richter (2011), o referido autor compreende que

[...] o mapa mental no ensino de geografia é um recurso que permite a construção de uma expressão gráfica mais livre, tendo a perspectiva de que o estudante possa transpor para essa representação espacial os conteúdos geográficos aprendidos, assim, além de utilizar a fala, a escrita, a imagem ou o próprio mapa convencional/tradicional, o aluno terá a oportunidade de apresentar num mapa mental suas interpretações a respeito de um determinado lugar representações, provenientes de leituras mais científicas da realidade (RICHTER, 2011, p. 18).

Com base na concepção do autor, o objetivo da aplicação dessa técnica em sala de aula foi de desenvolver o seguinte tema, 'O trabalho e a transformação do espaço geográfico', proporcionando o entendimento das relações e interações entre os diversos espaços, dando oportunidade para que o aluno pudesse expressar suas percepções sobre

o entendimento acerca da relação entre o lugar ribeirinho-Amazônia-mundo, a partir de uma referência local - o açaí por meio das representações espaciais, o mapa mental (Figura 3). Essa prática pedagógica foi desenvolvida em cinco momentos, a saber:

- No primeiro momento foi esclarecido aos alunos sobre o que é o mapa mental e como ele é constituído, também foram realizados exercícios de construção do mapa mental.
- Na segunda etapa as pesquisadoras e o professor realizaram as abordagens sobre os diversos espaços e as relações e interações de trabalho no mundo globalizado. Para essa aula foram utilizados dois textos do livro didático, os quais retravam a formação do espaço geográfico no campo, na cidade e em outros países, ao mesmo tempo que faziam uma articulação entre os espaços demonstrando o mundo globalizado. O objetivo dessa aula foi de fundamentar teoricamente o tema e de elucidar conceitos geográficos para a preparação da construção do mapa mental.
- No terceiro momento foi solicitado aos alunos que construísse um mapa mental com base nas discussões dos textos do livro didático e dos resultados da tempestade de ideias, o tema do mapa mental foi: A rede de sociabilidade do açaí na construção do espaço geográfico das Ilhas Queimadas. A turma de 12 alunos do 7º e 8º anos formou seis duplas para a realização da atividade, assim, foram confeccionados seis mapas mentais representando o fluxo de sociabilidade a partir do comércio do açaí.
- No quarto momento, ao finalizar o processo de confecção dos mapas, os mesmos foram apresentados pelas duplas oportunizando o compartilhamento das ideias com toda a turma.
- No quinto momento a partir dos mapas mentais construídos pelos alunos, sob a coordenação das pesquisadoras e do professor foram aprofundadas as discussões sobre as articulações sociais, econômicas e culturais no âmbito da rede de sociabilidade do açaí.



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras referente ao trabalho de campo (2019)

**Figura 3.** Mapa mental construído pelos alunos.

As discussões e as atividades práticas em torno do açaí, enquanto referência na construção do conhecimento geográfico, gerou aprendizados no sentido de esclarecer que as

comunidades das Ilhas Queimadas, dentro de suas peculiaridades e particularidades do modo de vida, constroem e reconstróem seu espaço geográfico mediante as relações internamente produzidas, e que estão relacionadas e em conexão, com os fluxos externos, ou seja, vivem em uma Ilha, mas não estão isolados, congregam uma rede de sociabilidade e econômica global.

Também compreenderam que nessa rede de sociabilidade há trocas de produtos e de cultura. No caso do açaí, as sociedades dão significados e valores ao produto relacionados ao objetivo da apropriação do produto, exemplificando: o açaí significa para o ribeirinho a sustentabilidade e a base de nutrição, além de agregar cultura e identidade à atividade extrativa e consumo, para as sociedades externas à Amazônia, o açaí foi rotulado como energético, com isso, sendo agregado ainda mais valor de mercado e sua forma de consumo adaptado as diversas sociedades: açaí em pó, vitamina de açaí e sorvetes, além de muitos outros subprodutos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do açaí, produto extrativo das Ilhas Queimadas, como referência no processo de ensino e aprendizagem da Geografia na escola ribeirinha Alexandre Ferreira da Silva demonstrou que a Amazônia das ribeiras contém um grande celeiro laboratorial pronto para ser inserido nas escolas para dar sentido e significado ao processo de ensino e aprendizagem.

Os elementos socioculturais e econômicos que fazem parte das relações de produção espacial compreendem importantes potencialidades na construção do conhecimento geográfico. Referenciar o lugar ribeirinho para compreender relações espaciais para além de suas realidades proporcionou, dentre outras: significações aos temas distanciados de suas realidades e a aproximação dos diversos contextos geográficos. Essa articulação potencializou ao aluno a fazer leituras espaciais das construções dos espaços geográficos.

A pesquisa demonstrou que a inserção do universo amazônico, por meio do cotidiano e da experiência dos sujeitos escolares como produtores de seu próprio espaço, possibilitou o fortalecimento da aprendizagem, motivação e interesse dos alunos em participarem da construção do conhecimento. Neste sentido, apresentou-se aos professores ribeirinhos, com extensão para todas as escolas da Amazônia brasileira mais um caminho didático-pedagógico a ser explorado nas práticas de ensino.

## NOTAS

3 Igarapé, denominação muito utilizada na Amazônia para identificar os pequenos e até médios cursos d'água. A palavra foi adotada do tupi, significa, literalmente, "caminho de canoa", por meio da junção dos termos ygara (canoa) e até (caminho).

4 União de duas ou mais séries trabalhadas em uma mesma turma.

5 Várzea flúvio-marinha da Amazônia brasileira são planícies inundáveis por enchentes sazonais de acordo com os movimentos da maré (SIOLI, 1985).

6 Pessoas que conduzem os barcos a motor denominado catraio.

7 Embarcação de pequeno e médio porte, a motor e aberto nas laterais.

8 Artefato feito de palha do açazeiro em formato circular usado nos tornozelos para atracar o tronco do açazeiro e ajudar na escalada do açazeiro.

9 Cesto confeccionado de palha.

10 Trata-se de uma estratégia didática que consiste em colocar um tema para um

determinado grupo de pessoas para que possam expor suas ideias acerca do tema. As ideias são sistematizadas gerando textos, conceitos, conhecimentos diversos, etc. de acordo com o objetivo que se propõe.

## **REFERÊNCIAS**

- CAVALCANTI, L.S. **O ensino de Geografia na escola**. São Paulo: Papirus, 2012.
- CHAVES, G.P.; CARDOSO, D.M.; RENTE NETO, F.J.S. O Açaí no cotidiano da comunidade da Ilha Sacará (PA). *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 5., 2011, Belém; SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 6., 2011, Belém. *Questões Agrárias na Panamazônia no Século XXI: Usos e Abusos do Território. Anais [...]*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2011.
- FARIAS, R.T.S. **Ensino de Geografia nas escolas das Ilhas Queimadas/PA: o lugar ribeirinho no contexto amazônico**. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFG, Goiânia, 2018.
- PIMENTA, S.G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.
- RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EdUSP, 2005.
- SIOLI, H. **Amazônia: fundamentos da ecologia da maior região das florestas tropicais**. Petrópolis: Vozes, 1985.